

A CASA MAL ASSOMBRADA II

(ou pensam que é só em Hollywood que se repete a mesma receita duas vezes?)

A pequena nave acoplou suavemente na plataforma da casa orbital.

Markus Rekrap fechou o seu capacete e desafivelou o cinto de segurança que o prendia à poltrona.

Em seguida, com um toque de botão, fez com que a pesada escotilha desimpedisse o caminho.

Caminhou lentamente através da plataforma, abriu uma das câmeras de descompressão que davam acesso à residência com apenas um olhar na fechadura que imediatamente reconheceu a sua retina.

Cinco minutos depois, Markus Rekrap relaxava sem roupas flutuando no meio da sala enquanto o som ambiente tocava uma das antigas músicas que tanto gostava.

Finalmente estava de volta para casa.

Acordou duas horas depois bastante descansado.

Foi até a cozinha, tomou um chá gelado e comeu duas barras de chocolate.

Era chocólatra assumido.

Assistiu meia hora de noticiários e depois foi para o terraço de sua casa orbital onde ficou olhando a Terra e a Lua flutuando no espaço.

Nestes momentos, se lembrava dos motivos que o fizeram construir tão distinta residência: a neurose urbana e a marginalidade causadas pelo aumento geométrico e descontrolado da população por todo o planeta.

Diante do crime da insegurança generalizada, inclusive até ecológica, Markus já não sentia-se mais seguro.

Como era cientista, entrou em contato com as principais agencias espaciais e propôs seu plano.

Moraria numa casa auto suficiente em órbita da Terra e ainda faria experimentos e pesquisas.

As tais agências só concordaram em bancar a idéia de Markus Rekrap pois ele era uma assumidade em diversos ramos da ciência.

No meio, fora carinhosamente alcunhado entre seus pares como professor Pardal.

Para Markus era bom.

Além de concretizar seu projeto de lar, pôr em andamento experimentos científicos e faturar algum trocado ele ainda ficava longe dos problemas da Terra e trabalhava no horário que queria fazendo o que gostava.

Para as empresas que o patrocinavam também era bom pois Markus era aquele tipo de gênio que resolvia sozinho em pouquíssimo tempo aqueles problemas complicados que uma junta de cientistas levaria anos para achar a solução.

Mesmo com os problemas causados pela falta de gravidade, Markus sentia-se totalmente à vontade.

Já se habituara a tomar chá gelado dentro de copos especiais, andar com os sapatos magnéticos para não causar estragos com as suas descontroladas acrobacias aéreas e até mesmo a usar o banheiro espacial.

Dentro de casa tudo era perfeitamente normal para Markus, exceto por uma coisa: o terraço.

Tratava-se de um quarto totalmente transparente que lhe permitia apreciar as mais belas visões do espaço.

Alí ele sempre tinha alguma coisa interessante e nova para se maravilhar: cometas,

asteróides, constelações, etc, etc, etc...

Aquele lugar era inspirador.

Alí nasceram na mente de Markus alguns dos grandes projetos que revolucionaram a ciência e a vida da humanidade.

Assim como fazia frequentemente, Markus testaria alí outro experimento.

Um bio-computador que seria acoplado aos sistemas informatizados da casa com a finalidade de aumentar o desempenho geral.

Tinha forma de uma pirâmide dourada de base quadrada com altura de quarenta e cinco centímetros.

Markus acoplou a ela diversos cabos.

O sistema automaticamente reconheceu o novo elemento e se adaptou a ele.

Logo, os resultados aguardados pelo cientista foram alcançados.

-Perfeito! Exatamente como eu queria! - Pensou.

-Ei Markus! Abra a porta desse ferro velho!

Pausa.....

-Vamos logo! Eu quero entrar.

Markus acordou e logo reconheceu a voz que estava no rádio.

Era seu pai que invariavelmente não perdera o hábito de acordá-lo sempre que estava dormindo.

-M-m-m-mas c-c-como?

Markus olhou pela janela e viu uma nave entrando no hangar da casa.

BRAAAAAMMMMMMMMMMMMMM..

A nave bateu numa das paredes da garagem fazendo com que as luzes da casa orbital se apagassem por um momento.

-Droga! - Pensou. - No mínimo o velho deve ter tomado todas.

-Ei Markus! Venha abrir a porta para as visitas.

Markus foi para a garagem o mais rápido possível.

Infelizmente, nestes momentos, quando precisava se locomover depressa, só se atrapalhava devido à falta de gravidade.

Liberou a senha de segurança da fechadura das escotilhas e esperou pelo visitante.

-Minha nossa! A turma veio em peso.

Um bando de homens tirou as roupas espaciais dentro da sala da casa.

Um deles meio gordinho e, com charuto preso nos dentes cumprimentou Markus.

-Suas rugas estão começando a aparecer, garoto. Logo estará como eu.

Markus olhou aqueles homens e não pode deixar de se surpreender:

-Incrível! A média de idade entre vocês oscila entre os cem, mas, não aparentam mais de cinquenta anos.

-São os milagres da ciência, filho.

Um dos visitantes, depois de cumprimentar Markus perguntou:

-Como é garoto? Vai liberar aquele seu terraço para o pessoal ficar bem doidão?

-Claro! Claro!

A alegria com a visita do seu pai e dos amigos dele durou pouco tempo.

Logo eles tiveram que seguir viagem.

No mesmo dia da partida, algo inesperado aconteceu: um pequeno meteóro abalroou a casa orbital.

Houveram estragos, mas, os robôs da manutenção logo fizeram os reparos.

Este fato porém, alertou Markus de que alguma coisa estava errada já que, a casa orbital dispunha de dispositivos desintegradores projetados justamente para evitar este tipo de ocorrência.

Caso tais dispositivos não dessem conta do recado, ainda restaria outra alternativa, os propulsores capazes de deslocar a casa para uma posição mais segura.

Nada disso havia funcionado.

Depois de terminados os reparos, Markus checkou, usando o bio computador, todos os sistemas e achou a falha: alguns sensores ficaram inutilizados depois que a nave do seu pai batera dentro da garagem.

Trocou os sensores e novamente checkou os sistemas.

Tudo estava O,k.

Depois do cansativo trabalho, foi dormir.

Quando encostou a cabeça no travesseiro, algo muito estranho se sucedeu.

Começou a ouvir vozes.

Markus estava só na casa...

Através do painel da cabeceira de sua cama checkou se os aparelhos de som, computadores ou TV ainda estariam ligados para fazer aquele barulho.

Nada que pudesse produzir tal ruído estava ligado.

Verificou os comunicadores para saber se não era uma chamada da Terra...

Também não.

Checkou pela casa se os amigos do seu pai teriam deixado algum brinquedinho para ficar perturbando quando eles tivessem saído.

Eram bem capazes de aprontar algo assim.

Não encontrou nada.

O som continuava a perturbar, parecia proceder de todos os lugares ao mesmo tempo.

-Eu vou dormir assim mesmo! Depois descubro qual é o problema.

Porém, assim que se deitou, sentiu alguma coisa segurar a sua perna.

Virou-se rapidamente e viu uma mão verde, toda enrugada e de unhas amarelas.

Gritou horrorizado e a mão sumiu para debaixo da cama onde prendia o saco de dormir.

Sacou uma arma da gaveta e olhou para baixo da cama.

Inexplicavelmente, alí não encontrou nada.

Foi até a cozinha tentando ignorar aquela barulheira.

Tomaria um pouco de água com açúcar para se acalmar.

Talvez estivesse com as típicas alucinações que têm os astronautas que passam muito tempo no espaço.

Acionou um botão no painel de controle da cozinha e foi surpreendido por um punhal voador arremessado sabe-se lá de onde encravando-se exatamente no painel entre os dedos.

-Tem alguém na casa! Só que não dá para mim ver. Tem que ser isso.

Através dos monitores da cozinha, Markus examinou todos os compartimentos da residência, só que, desta vez, utilizando-se de filtros que lhe permitiam enxergar em todas as faixas do espectro visual.

Também assim nada encontrou de diferente.

Iria até a sala onde estava o bio-computador.

Lá, teria mais recursos para analisar aquela situação.

Quando saiu da cozinha e entrou no outro cômodo da casa, deparou-se com um cenário inusitado.

Olhou para trás e não viu mais a cozinha de onde saíra e sim, uma parede de pedras.

Inexplicavelmente, Markus viera parar num templo cheio de tipos barbudos com expressões mal encaradas.

Lembravam bárbaros.

Eles pareciam hipnotizados com os movimentos de uma mulher loira num altar.

Ela parecia ser uma sacerdotisa.

Segurava adaga prateada que enterrou no corpo de um garoto nu deitado numa mesa de mármore.

Markus aproximou-se da mulher semi-nua e olhou bem para ela.

Era linda e tinha uma bundinha muito gostosinha.

Talvez pelo fato de não ver mulher a um bom tempo, resolveu agarrar a mulher e manter uma relação sexual com ela alí mesmo.

A mulher gostou e deu diversos suspiros de prazer.

O problema foram os bárbaros que não gostaram muito daquela interrupção.

Um deles segurou Markus, imobilizando-o.

Tal pegada porém não durou muito tempo.

Conhecedor de alguns truques de artes marciais, não foi difícil se livrar daquela posição.

Logo que pôde, pegou a adaga que a mulher usara para matar o garoto e avançou contra tudo e todos.

Mas o cenário ao seu redor súbita e inexplicavelmente se mudou novamente.

Markus andava agora numa praça.

Um carro em alta velocidade apareceu neste cenário. Na janela do motorista, estava para fora uma mão segurando uma pistola enquanto efetuava disparos em todas as direções aleatoriamente.

Da terra do jardim ao lado de Markus, surgiu um braço segurando um machado.

Markus pegou o machado e o braço voltou para a terra.

Armado, ele avançou contra o motorista, arremessou contra este a sua arma acertando-lhe a testa em cheio.

Livre desse idiota, todo o cenário em volta de Markus alterou-se novamente.

Agora, estava dentro de sua casa orbital deitado e todo coberto de vermes.

Os pequenos bichinhos não perderam tempo e começaram a penetrar em todos os poros e orifícios do pobre cientista.

Logo, ele estava completamente disforme.

-Devo estar sonhando! Isso é loucura.

Como que se confirmando as suas palavras, abriu-se sem razão alguma, no assoalho da casa orbital, um buraco por onde Markus foi sugado para fora da casa.

Lançado ao espaço sem proteção alguma, ele começou a despencar em direção à Terra.

Pouco depois de penetrar a atmosfera terrestre em grande velocidade, seu corpo já estava carbonizado.

A realidade então se alterou novamente e Markus voltou a vida. Agora, seu corpo estava normal.

Ao seu redor porém, nada estava normal.

Ele, se encontrava acorrentado na poltrona onde normalmente sentava.

À sua volta, via-se cercado de cruzeiros e túmulos.

Alí parecia mais um cemitério do que qualquer outra coisa...

Rachaduras abriram-se no chão inexplicavelmente e, os mortos que jaziam em suas túmulos começaram a sair por elas.

Num acesso de fúria descontrolada, eles começaram a destruir tudo ao redor.

Sem querer, Markus apertou outro botão e, os mortos se transformaram em lindos anjos que saíram voando e desapareceram assim que cruzaram o teto da sala.

Com as mãos trêmulas, via que tudo voltara ao normal dentro da casa de Markus.

Sentado, continuou aguardando novas alterações na realidade, mas, estas não ocorreram.

-Aqueles velhos devem ter posto chá de cogumelo nas minhas bebidas.

Livre das correntes que anteriormente o prenderam, ele seguiu cambaleante para a cama.

-Devo ignorar tudo ao meu redor. Deve ser alucinação causada pelas drogas.

Na cama, o lençol começou a se agitar sozinho, um deles, ficou flutuando no meio do quarto. Parecia até cobrir uma pessoa.

-Estas alucinações não me enganam. Vou dormir até o efeito dos alucinógenos passarem.

Markus Rekrap acabou dormindo ao som de gargalhadas sinistras sabendo ainda que as alucinações que pareciam fantasmas passeavam pelo seu quarto como peixes num aquário.

Acordou vendo dezenas de monstros ao redor.

Eles estavam gargalhando adoidado.

Markus pensava:

-Ainda estou "viajando".

Sentiu algo queimando sua bunda, pulou da cama chutando um dos monstros bagunceiros.

-Malditas alucinações! São muito reais!

Markus foi até a cozinha, tentaria tomar um café.

Quem sabe os efeitos alucinógenos abrandassem um pouco.

Porém, alí como em toda a casa, os monstros estavam realmente endiabrados.

No banheiro, quando foi mijar, acabou saindo mijado, já que, alguns monstros foram lá só para aporrinhá-lo.

Mesmo assim, pensando que tudo não se tratava de uma alucinação, colocou no pinto o dispositivo onde faria suas necessidades para que a urina não se espalhar com a ausência de gravidade.

A engenhoca mecânica então se transformou numa gigantesca cobra.

E ela vinha ameaçadoramente de boca aberta na direção do membro de Markus.

Quando ia levar a tal mordida, um zumbido se fez ouvir.

Era da central de comunicações.

Assim que Markus desviou o olhar da cobra, ela havia sumido...

-Vamos atender. - Pensou o cientista. - Só espero que não seja mais uma alucinação.

Na central, acionou alguns comandos num teclado e um rosto familiar apareceu no monitor.

Era Plínius, da Estação Orbital de Experimentos Científicos Ultra-Secretos.

-Markus! Você está bem?

-Para dizer a verdade, não. Alguns amigos do meu pai devem ter colocado algum

tipo de alucinógeno nas minhas bebidas e agora estou vendo monstros de todas as espécies possíveis e imaginárias.

-E por acaso algum destes monstros é essa lesma gigante com uma boca cheia de dentes afiados em cima do seu ombro?

Markus olhou tranqüilamente a tal lesma cujos dentes estavam quase lhe mordendo o nariz e disse:

-Sim! Esta é uma das alucinações que estou tendo. Por-quê? Os rapazes passaram por aí e lhes deixaram um pouco do chá alucinógeno?

-Markus! Acho que não vai gostar do vou dizer, mas, acho que você não está tendo alucinações.

O cientista então deu um soco sobre a lesma que se aproximava tanto.

Os outros bichos que também estavam na sala começaram a gargalhar.

-Se não estou alucinando, então, o que é esta zona na minha casa? Festa do Halloween?

Todos os monstros da sala começaram a gritar:

-Não!

-Claro que não!

-Não! Não! Não! Não!

-Plínius! O que está acontecendo aqui?

-Não sei, Markus. Sua casa está totalmente fora da órbita normal, além do que, está constantemente mudando de forma.

-Mudando de forma?

-Sim! Primeiro ela se transformou numa aranha. Depois, numa pirâmide dourada, agora, numa cabeça.

-Plínius! Você tem certeza do que está falando? Isso aqui é uma casa orbital e não o Transformers.

-Markus! Você deve sair daí ou colocar a casa na órbita correta. Se continuar assim com estas acrobacias, os militares vão querer destruí-lo alegando que sua casa poderá atingir satélites e outros objetos em órbita.

Markus sabia que devia fazer alguma coisa.

Não poderia nem alegar que a destruição da casa colocaria muito lixo em órbita, pois, desde o século XXI que já existiam detetores coletores de lixo orbital robotizados capazes de lidar tanto com pequenas partículas bem como com as grandes estruturas abandonadas.

-Muito bem, Plínius. Vou resolver este problema logo.

-Você tem duas horas, Markus. Os homens lá em cima não vão esperar.

-Ok.

Logo que Markus desligou, os monstros voltaram a gargalhar a valer.

-Idiotas! Será que não se dão conta de que todos morreremos?

A bicharada riu mais ainda.

Alguns objetos foram atirados na direção de Markus, entre eles um machado que felizmente não acertou o alvo.

Com bastante ódio, o cientista olhou um dos monstros e, então, lembrou-se de algo.

MONSTROS DIGITAIS

Esse era o nome de um dos milhares de jogos que estavam armazenados no bio-computador.

De alguma maneira, os monstros que faziam parte de um mero jogo, agora

estavam alí bem vivos à frente de Markus.

-Pensando melhor, realmente, agora percebo uma semelhança maior entre alguns dos jogos e as situações pelas quais passei. - Ponderou Markus.

Em seguida olhou para um dos bichinhos e perguntou:

-De onde você saiu?

O adorável bichinho estendeu suas garras violentamente tentando acertar seu interlocutor.

O cientista porém foi mais rápido e se esquivou.

Novamente, fez a mesma indagação:

-De onde você vem?

Se a resposta que recebeu valia alguma coisa ou não, só saberia depois, mas, de qualquer forma, o bichinho apontou para o bio-computador em forma de pirâmide.

Dada a resposta, todos os monstros investiram para cima de Markus.

Ele porém já estava pronto para este tipo de situação e conseguiu ser mais rápido.

Saltou para trás do bio-computador e arrancou dele todos os cabos.

A bicharada sumiu e tudo alí dentro voltou ao normal.

Agora, a casa orbital operava com os sistemas vitais de emergência.

Aos poucos Markus foi reagionando tudo.

Assim que pôde, chamou a Terra:

Ligou para a casa de Taurinius, o engenheiro que o auxiliara na construção do bio-computador.

-Markus! Gosto de você porque me acorda sempre que estou na melhor parte do sono.

-Estava sonhando com loiras peitudas novamente?

-Algo assim...

-Taurinius, o bio-computador está alterando a realidade. Está até mesmo inserindo elementos baseados em suas memórias. Tenho certeza que a parte mecânica não tem como apresentar tais problemas. Já com relação às partes biológicas, me preocupo com aquelas responsáveis por armazenamento de memórias que utilizamos no nosso projeto...

-Uma grande quantidade de informações foi armazenada em tecidos extraídos de cérebros humanos que, com o tratamento certo, ainda continuou servindo mesmo depois da morte de seus antigos "donos".

-Quem doou estes tecidos?

A imagem projetada de Taurinius mostrou-o mexendo num teclado e, em seguida respondendo:

-Quem doou para o seu bio-computador foi uma mulher chamada Amanda Kermatic. Ela assinou a ficha de doação do seu cérebro para experimentos científicos cinco anos antes de falecer.

-Sua ficha indica algum tipo de poder latente.

-Não... Aqui nada consta. Deixa eu consultar a ficha policial...

Houve um breve silêncio. Logo depois Taurinius continuou:

-Markus. Tem um relatório aqui! Feito por dois policiais da época. Eles indicam que a doadora demonstrou possuir poderes paranormais. Seus dons se revelaram após a morte do marido que foi cruelmente assassinado.

Ele então fez uma pausa e continuou:

-Ei Markus! Ela não tinha controle sobre seus poderes. Inconscientemente criou assombrações que causaram alguns estragos de verdade.

-Mas por-que ninguém se certificou que ela tinha estes poderes? Esta era uma condição que foi estabelecida e tinha de ser seguida...

-Ela não pôs nada na ficha. Ninguém pensou em se certificar da veracidade da informação. Até porquê, nos exames de rotina pelos quais passou não identificaram nenhuma anormalidade.

-Nada? Nem telepatia?

-Nada, Markus.

O cientista coçou o queixo.

-Provavelmente o meteoro que acertou a casa, além dos estragos físicos, ainda ativou estes poderes latentes do tecido cerebral usado para integrar o biocomputador.

De-repente, a comunicação entre Markus e Taurinius foi cortada.

O biocomputador estava ativo novamente, mesmo sem os cabos.

=Droga!

Os monstros apareceram novamente.

Markus saiu correndo do jeito que dava com aquela falta de gravidade.

A casa voltou a ficar assombrada.

-Só tenho uma saída agora!

Correu para a garagem e depois de vestir seus trajes espaciais entrou na nave.

Acionou os motores e abandonou a casa assombrada com seus monstros e demais habitantes.

Poucos instantes depois, ela explodiu.

Um raio oriundo de uma estação militar próxima a atingiu em cheio desintegrando tudo! Não deixou destroços ou vestígios.

-Acabou! Agora tenho de voltar para a Terra.

Assim que ia programar sua volta, os comunicadores se manifestaram, só tinham som:

-Bagunçamos os dados contidos no computador da sua nave, filho querido. Também levamos todo o seu combustível. É óbvio que não poderíamos sair daí sem aprontar alguma com você.

Os amigos do seu pai mais uma vez deixavam a sua marca após uma visita.

-Antes disso do que continuar naquela casa mal assombrada. - Disse Markus sem reclamar. - Daqui, ainda consigo uma carona...
